

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

O RECENSEAMENTO AGRÍCOLA DE 1979

CARMINDA CAVACO

Nos finais dos anos 70, o Instituto Nacional de Estatística efectuou um novo recenseamento, em colaboração com o Ministério da Agricultura e Pescas, referente ao ano agrícola de 1978-79 e a 1 de Novembro de 1979 no que respeita a efectivos pecuários, animais de capoeira, colmeias e cortiços, idade e nível de instrução do produtor agrícola. Na sua elaboração atendeu-se às insuficiências dos inquéritos da CEE e da FAO e às particularidades da agricultura nacional, designadamente ao peso das explorações muito pequenas e do subsector florestal, mas pretendeu-se também garantir a possibilidade de comparação da correspondente informação com a de 1968.

O recenseamento agrícola de 1979 foi exaustivo. Utilizaram-se dois modelos de inquérito, um deles simplificado e dirigido às explorações muito pequenas (200 m² de área agro-florestal, alguma cabeça de gado, colmeia ou cortiço ou pelo menos uma dezena de animais de capoeira). Além do conhecimento da estrutura agrária do país, procurou-se, com efeito, constituir uma base adequada a futuros inquéritos de âmbito limitado e por sondagem. A morosidade do apuramento da vasta informação recolhida levou a dar prioridade ao de alguns valores e a difundi-los sucessivamente, por distrito, tendo a série de volumes sido iniciada com o referente ao de Faro.

Nesta nota muito breve salientaremos os principais aspectos da situação agrária de Portugal, incluídos nos volumes distritais, exemplificando com o de Faro (1).

(1) CARMINDA CAVACO, *A Agricultura do Algarve segundo o Recenseamento Agrícola de 1979*, Estudos de Geografia Humana e Regional, C, 9, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1983.

Estruturas agrárias. Foram computadas, por distritos e concelhos, todas as explorações existentes, incluindo as sem terra, e as suas áreas respectivas. O apuramento obedeceu a 15 classes de área. Através destes valores podem ser apreciadas as estruturas agrárias, segundo a metodologia mais corrente, que identifica a dimensão das explorações com a sua superfície. O Algarve apresentava uma estrutura heterogénea e bastante diferenciada de concelho para concelho (quadros I e II; fig. 1). Mas a dimensão das explorações também pode ser avaliada em termos demográficos, pelo número de pessoas que as habitam (óptica mais social do que técnica e económica). Nos concelhos do Algarve, aquela descia a 2,51 no de S. Brás de Alportel mas elevava-se a 2,86 no de Tavira. A maior dimensão social não corresponde necessariamente à maior dimensão em área, e deve ser correlacionada com as densidades agrícolas e estas apreciadas através da população dos agregados familiares trabalhando nas explorações, pelo número de membros da população agrícola familiar masculina por exploração e pelas próprias taxas de masculinidade (quadro I) e interpretadas em relação com os sistemas agrícolas e as diversas formas de pluriactividade do produtor individual e de outros membros do seu agregado familiar.

O conhecimento das estruturas agrárias aprofunda-se com o do parcelamento. Os valores disponíveis do recenseamento agrícola de 1979 incluem o número de blocos das explorações das diferentes classes de área, por concelhos: dispersão ou continuidade espacial e dimensão média dos blocos, com interesse genético, técnico e económico, como sugere o quadro III.

Formas de exploração. Distinguem-se, habitualmente, as explorações de conta própria, renda fixa, renda variável e mistas, com significados económicos e sociais e tendências evolutivas diversos. O recenseamento agrícola indica a «forma jurídica pela qual o produtor dispõe da terra», por classes de área e por concelhos (número e área das explorações, distinguindo inclusivamente os agricultores autónomos e os agricultores empresários): formas de exploração simples — conta própria e arrendamento (de renda fixa, ao Estado e a outros, de campanha, de renda variável e outras) — e formas de exploração mista, precisando nestas as áreas exploradas por conta-própria, renda fixa, renda variável, de campanha e outras. No distrito de Faro, a conta-própria abrangia 3/4 da superfície total das explorações, a renda fixa 3,1 %, a renda variável 1,5 % e os sistemas mistos 18,6 %. Por concelhos, estes valores apresentam algumas oscilações (fig. 2) em relação com as estruturas agrárias e sociais, os sistemas de produção e a escassez e valorização do trabalho agrícola contratual.

Intensidade do uso do solo e principais ramos agrícolas e animais. Os apuramentos já realizados indicam a utilização do solo das explorações, por classes de área e por concelhos: área agro-florestal, área agrícola, terra arável limpa (regada, com culturas temporárias, com prados temporários e em pousio), terra com culturas permanentes (regada, sem e com culturas subcoberto, etc.), terras com prados e pastagens permanentes, regadas ou não, terras com matas e florestas (com ou sem culturas sobcoberto, etc.), terras com matos e estevas e outras áreas. Por outro lado, são precisadas, por con-

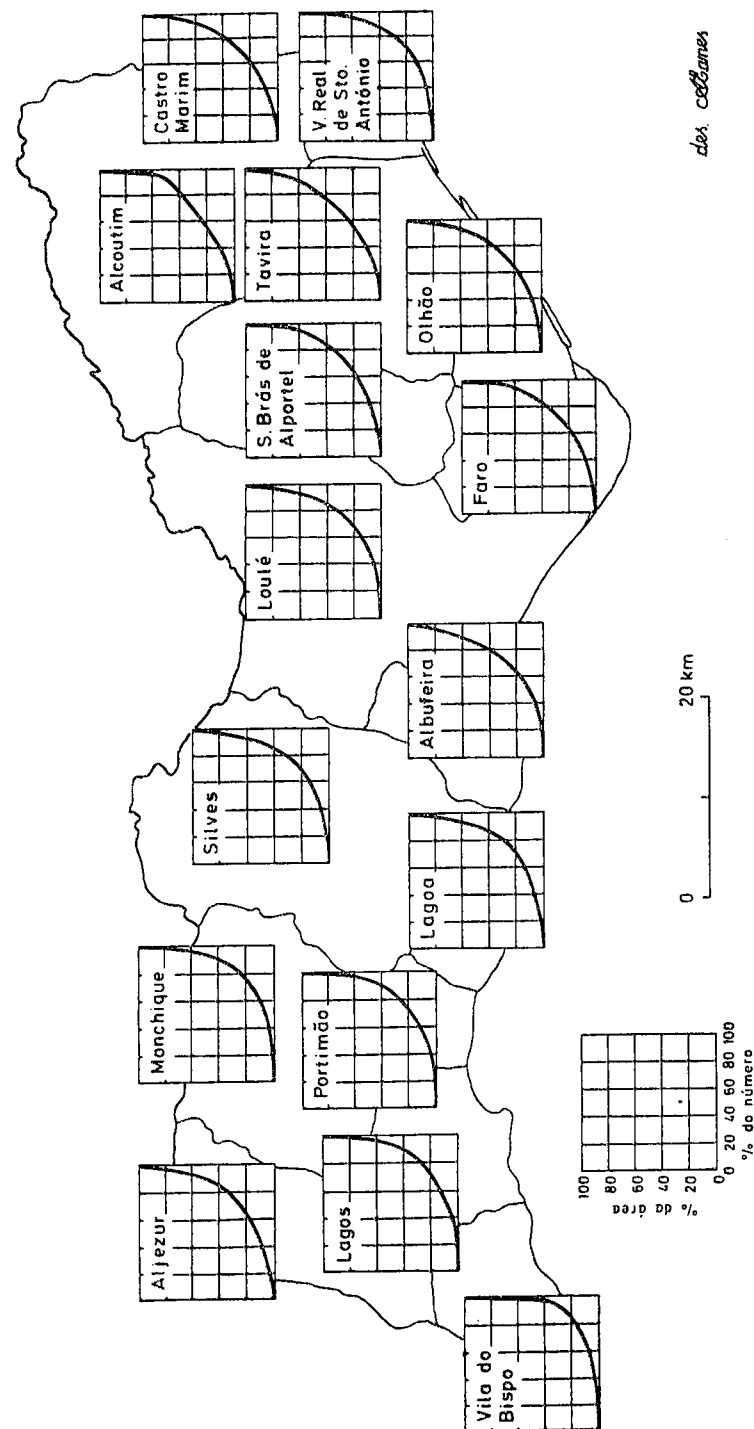


Fig. 1.

QUADRO I

Concelhos e distrito	Dimensão média das explorações (ha)	População agrícola familiar / exploração	População agrícola familiar/ha	População agrícola familiar que trabalha na exploração (%)	População agrícola familiar (H) por exploração	Taxa de masculinidade da população agrícola familiar
Albufeira	3,6	2,70	0,75	72,0	1,38	51,5
Alcoutim	12,7	2,84	0,22	77,3	1,48	51,9
Aljezur	15,7	2,69	0,17	76,2	1,44	53,5
Castro Marim	12,9	2,66	0,21	73,1	1,39	52,2
Faro	3,3	2,82	0,86	72,2	1,44	50,8
Lagoa	4,2	2,86	0,68	63,0	1,47	51,5
Lagos	8,6	2,76	0,32	67,2	1,46	53,0
Loulé	5,5	2,70	0,50	71,7	1,36	50,5
Monchique	6,5	2,77	0,42	77,0	1,50	54,2
Olhão	2,9	2,82	0,98	76,4	1,42	50,5
Portimão	3,9	2,77	0,72	80,2	1,48	53,6
S. Brás de Alportel	7,6	2,51	0,33	78,0	1,27	50,3
Silves	6,4	2,79	0,44	70,2	1,45	52,0
Tavira	6,5	2,99	0,46	76,9	1,54	51,6
Vila do Bispo	18,9	2,53	0,13	70,5	1,32	52,3
Vila Real de St.º António	8,4	2,83	0,34	61,5	1,37	48,5
Distrito	6,7	2,77	0,4	73,0	1,43	51,6

celhos e classes de área, as explorações e superfícies com trigo, aveia, cevada, centeio, milho, arroz, leguminosas para grão, batatas, culturas consociadas, culturas forrageiras anuais, prados temporários (de leguminosas, de gramíneas ou mistos), culturas horto-industriais (tomate, oleaginosas), hortícolas e hortofrutícolas e florícolas ao ar livre e protegidas, e ainda as de laranjeiras, tangerineiras, limoeiros, macieiras, pereiras, pessegueiros, figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras, aveleiras, vinha de vinho e para uva de mesa, etc. Torna-se pois possível correlacionar as áreas das explorações com a intensidade de uso do solo (quadro IV), apreciar a diferenciação espacial dos sistemas

QUADRO II

Dimensão das explorações	% do número	% da superfície	N.º médio de blocos	Dimensão média dos blocos (ha)
sem/terra	0,8	0,1	1,1	1,09
<0,5 ha	12,1	1,1	1,8	0,32
0,5-1	19,5	2,9	2,8	0,35
1-2	19,9	6,0	3,9	0,51
2-3	11,5	6,0	5,2	0,66
3-4	7,8	5,6	6,1	0,76
4-5	5,3	4,9	7,1	0,86
5-10	13,6	19,1	8,9	1,05
10-20	6,2	17,2	10,7	1,72
20-50	2,4	14,0	10,3	3,75
50-100	0,5	6,7	10,1	8,63
≥ 100	0,4	16,4	13,8	20,85
Distrito	100,0	100,0	5,2	1,26

agrícolas (quadro V), estudar a distribuição dos principais ramos vegetais, antigos e novos (fig. 3). O recenseamento agrícola inclui também dados acerca da pecuária: bovinos, ovinos, caprinos e suínos, por classes de área e por concelhos (além das explorações sem terra). A informação é mais pormenorizada para os bovinos: sexo, idade, raças e objectivos (leite; trabalho). Verifica-se, claramente, que no Algarve a bovinicultura, sobretudo a leiteira, dilata a dimensão económica das pequenas explorações que adoptam efectivos de qualidade. As maiores explorações, com problemas de mão-de-obra e de salários, tendem a apagar-se na pecuária leiteira, a favor da recria e engorda, mas quando mantêm efectivos leiteiros seleccionam ainda melhor os seus animais (quadros VI e VII).

População agrícola. As explorações foram classificadas segundo o tipo de mão-de-obra utilizada: a totalidade ou a maior parte do trabalho agrícola feito pelo agregado doméstico do produtor, e inversamente (a maior parte ou

QUADRO III

Concelhos	Dimensão média dos blocos (ha)	N.º médio de blocos por exploração	Dimensão média dos blocos (ha), nas explorações :			
			< 1 ha	20-50 ha	50-100 ha	≥ 100 ha
Albufeira	0,88	4,0	0,27	3,25	10,45	5,69
Alcoutim	1,34	9,5	0,35	3,02	4,95	9,44
Aljezur	5,18	3,0	1,28	9,78	25,60	52,50
Castro Marim	1,32	9,7	0,45	2,02	7,30	85,97
Faro	0,83	3,7	0,28	3,57	7,00	219,30
Lagoa	1,61	2,5	0,38	8,88	8,38	4,79
Lagos	3,95	2,1	0,55	10,38	26,83	29,85
Loulé	0,84	6,4	0,24	2,24	5,49	12,88
Monchique	2,46	2,6	0,43	7,50	11,08	19,99
Olhão	0,76	3,7	0,29	3,78	20,17	—
Portimão	2,67	1,4	0,65	16,09	8,93	—
S. Brás de Alportel	1,03	7,3	0,26	2,44	4,62	5,66
Silves	1,67	3,7	0,48	4,68	8,99	48,96
Tavira	0,69	9,3	0,26	3,10	10,49	98,25
Vila do Bispo	3,43	5,5	0,44	2,66	4,79	31,15
Vila Real de St.º António	2,49	3,3	0,34	5,47	38,50	35,90

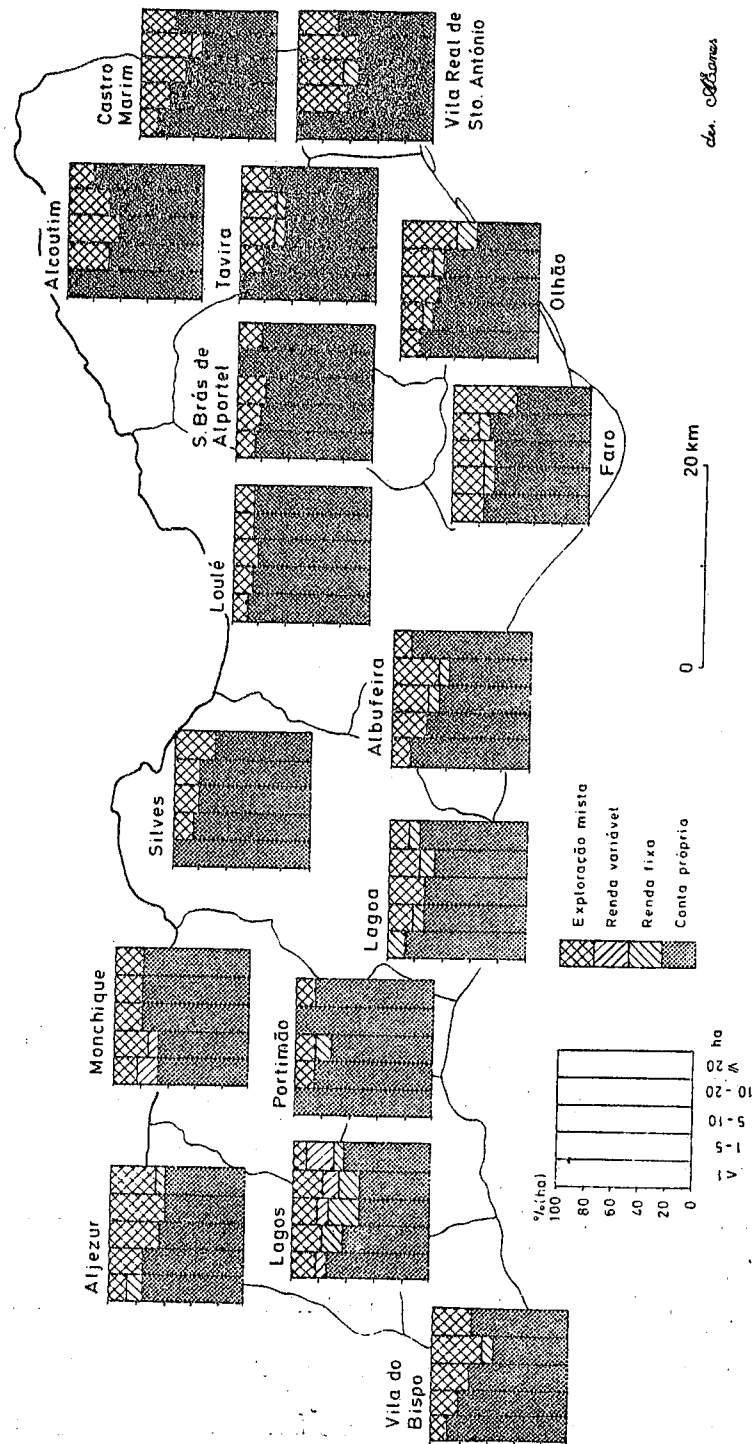


Fig. 2 — Formas de exploração (% das áreas).

a totalidade do trabalho agrícola feito por pessoal remunerado). Esta informação foi também decomposta por concelhos, o que torna possível apreciar o significado quanto ao número e quanto à área ocupada pelas explorações familiares e patronais e correlacionar o emprego de trabalho remunerado com a dimensão das explorações e as culturas predominantes. Igualmente por classes de área e por concelhos foram computadas as explorações que recorrem a trabalhadores permanentes e eventuais, tendo em conta o sexo, o tempo de actividade na exploração (permanentes) e o número de jornadas (eventuais). A população agrícola familiar, trabalhando ou não na exploração, foi agrupada por idades e pelo sexo. No distrito de Faro, os índices de juventude ou de envelhecimento da população activa agrícola familiar diferem de concelho para concelho e com as classes de área; nas pequenas, a população é, no geral, mais velha (inviabilidade económica) e inclui muitos reformados, mas nalguns concelhos os índices de juventude são superiores nas explorações de menos de 1 ha relativamente à classe seguinte (agricultura a tempo parcial) e noutros descem nas ≥ 20 ha ou mesmo a partir dos 10 ha (êxodo das elites fundiárias) (fig. 4). As taxas de masculinidade são mais altas nas explorações maiores e nas muito pequenas do litoral: viabilidade; oportunidades diversificadas de emprego masculino, com êxodo agrícola mas não rural e pluriactividade. O recrutamento de mão-de-obra permanente é essencialmente mas-

culino mas não o de trabalhadores eventuais, reflexo da condição de inferioridade da mulher no mundo do trabalho, mesmo no agrícola.

Pluriactividade e plurirrendimento entre as famílias agrícolas. O recenseamento agrícola de 1979, ao contrário dos anteriores, relevou a agricultura a tempo parcial e procurou avaliá-la segundo as definições mais correntes, que se centram na exploração, na repartição dos tempos de trabalho dos membros dos agregados familiares e na origem dos seus rendimentos⁽²⁾. Conhe-

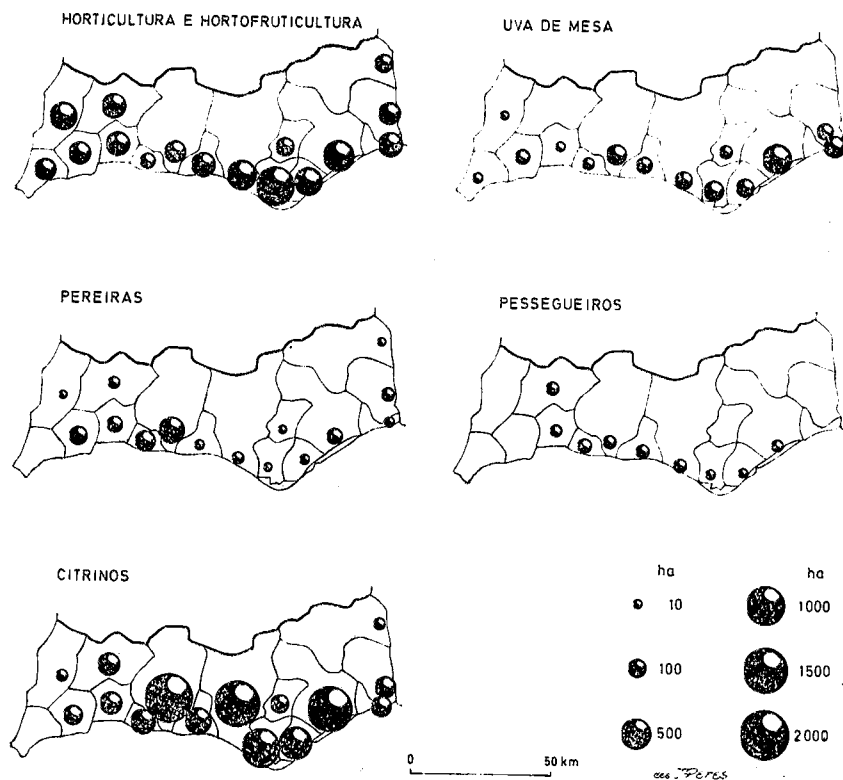


Fig. 3 — Distribuição espacial das áreas hortícolas e hortofrutícolas e de pomares de regadio.

ce-se, assim, ao nível do distrito, e por classes de área das explorações, o tempo dedicado pelos produtores individuais ao trabalho das suas explorações e a outras actividades (quadro VIII), mas conhece-se também, e por conceitos, como o conjunto dos membros dos agregados familiares repartem os seus tempos de actividade. Os tempos de trabalho na exploração foram agrupados

⁽²⁾ CARMINDA CAVACO. «A Agricultura a Tempo Parcial: expansão, diversidade e significado económico, social e geográfico», *Economia*, V-2, 1981, p. 277-313.

QUADRO IV

Ocupação do solo agrícola no distrito de Faro (1979) (% da superfície global das explorações)

Dimensão das explorações	Área agro-florestal	Área agrícola	Terra arável limpa			Terra com culturas permanentes		Matos e estevas	
			Total	Regada	Com culturas temporárias	Em pousio	Total		Regada
<0,5 ha	45,8	45,1	25,6	13,4	16,3	6,9	22,1	41,2	
0,5-1	66,3	63,6	34,8	11,5	20,1	12,0	33,6	26,4	
1-2	63,4	61,2	36,3	8,9	20,5	13,7	30,2	27,8	
2-3	64,5	60,0	38,0	7,3	21,5	14,4	27,0	29,1	
3-4	68,0	63,4	40,9	6,3	23,4	15,7	26,2	26,2	
4-5	67,9	61,9	43,9	5,4	24,5	17,8	22,3	26,8	
5-10	69,8	62,3	44,9	4,3	23,3	19,6	21,9	24,9	
10-20	68,4	57,4	42,7	3,9	18,9	21,7	19,6	26,0	
20-50	72,0	52,1	35,9	3,4	12,7	20,9	19,2	23,4	
50-100	75,3	49,2	33,8	4,5	10,5	20,2	15,3	22,1	
100-200	70,2	64,4	34,6	1,4	11,1	18,9	10,9	27,1	
200-500	78,5	37,8	21,3	2,6	8,3	12,5	7,8	20,8	
500-1000	84,6	45,2	40,2	1,7	14,9	20,1	4,8	14,9	
Distrito	70,3	55,0	38,4	4,7	17,7	18,4	20,0	25,3	

QUADRO V
 Ocupação do solo agrícola, por concelhos do distrito de Faro (1979)
 (% da superfície global das explorações de cada concelho)

Concelhos	Área agro-forestal	Área agrícola	Terra arável limpa			Terra com culturas permanentes			Matos e estevas
			Total	Regada	Com culturas temporárias	Em pousio	Total	Regada	
Albufeira	71,2	71,7	39,6	2,7	17,3	17,9	57,2	6,6	
Alcoutim	62,1	56,9	44,3	0,5	18,8	24,6	14,8	35,6	
Aljezur	51,9	33,1	30,6	7,8	15,0	13,9	2,5	47,7	
Castro Marim	52,6	46,7	35,1	1,8	13,6	20,1	23,4	35,0	
Faro	85,0	77,3	34,2	18,1	21,6	8,2	50,4	6,1	
Lagoa	86,3	85,0	29,6	3,8	8,2	13,7	60,3	6,4	
Lagos	87,2	70,0	62,9	5,3	32,7	26,3	7,3	12,1	
Loulé	66,3	56,6	37,2	2,1	12,5	23,5	22,3	30,2	
Monchique	80,9	19,3	16,0	9,6	11,7	3,6	4,3	18,3	
Olhão	79,2	78,8	26,8	7,9	11,5	14,8	56,9	14,4	
Portimão	74,7	64,4	46,6	20,1	35,7	9,2	15,4	9,5	
S. Brás de Alportel	59,7	37,5	28,3	1,0	11,2	16,7	17,1	32,8	
Silves	76,6	59,5	44,1	3,5	15,8	21,8	15,8	20,9	
Tavira	71,6	63,8	41,8	3,4	23,0	17,9	30,4	19,2	
Vila do Bispo	80,9	71,3	59,7	2,9	39,0	20,1	3,1	18,9	
Vila Real de St.º António	84,3	68,9	45,6	6,8	23,6	21,9	23,4	21,8	

em 6 classes (sem actividade, < 25 %, de 25 a < 50 %, de 50 a < 75 %, de 75 a < 100 % e tempo completo) e as actividades fora da exploração em 7 conjuntos (sem actividade; agricultura, silvicultura e caça; pesca; indústria, incluindo a extractiva; construção e obras públicas; comércio, hotelaria, etc.; outras actividades remuneradas). A actividade predominantemente não agrícola dos produtores individuais do Algarve era logicamente mais importante nas pequenas explorações: 72,6 % nas < 1 ha e 48,4 % nas de 1-5 ha, mas apenas 27,1% nas de 5-10 ha, 21,7 % nas de 10-20 ha e 27,5 % nas de ≥ 20 ha. Os agricultores a tempo completo só alcançavam percentagens elevadas, embora inferiores a 50 %, nas explorações ≥ 10 ha. Aos pluriactivos predominantemente agrícolas cabiam 16,3 % nas explorações < 1 ha, 27,6 % nas de 1-5 ha, um pouco menos nas de 10-20 ha e nas ≥ 20 ha. Se a pluriactividade parece responder largamente à busca de valorização do tempo de trabalho não ocupado pelas pequenas explorações, sobretudo pelas pouco intensivas (subemprego agrícola), e à obtenção de receitas complementares dos escassos proventos que proporcionam, muitas apenas de autoconsumo, traduz também o desvio, total ou parcial, das elites rurais, que tiveram acesso a níveis elevados de instrução, por actividades não agrícolas mais prestigiantes e melhor remuneradas. Tal facto é visível na diferenciação espacial da pluriactividade dos produtores individuais (fig. 5). Estes aspectos reaparecem, em traços gerais, nas combinações de actividades dos agregados domésticos dos produtores e diferenciavam-se, paralelamente, com a dimensão das próprias explorações.

No que concerne às origens dos rendimentos dos agregados familiares, foram apurados separadamente os valores por tipo de exploração (tendo em conta quem assegura a totalidade ou parte do trabalho agrícola), por classes de área e por concelhos; distinguiram-se os aglomerados domésticos dos pro-

QUADRO VI

Dimensão das explorações	% dos bovinos	% das fêmeas	% das fêmeas ≥ 2 anos	% das fêmeas ≥ 2 anos, leiteiras	% das turmas e holandesas apenas de leite
< 0,5 ha	3,2	3,0	2,8	3,7	3,7
0,5-1	5,8	6,0	6,1	7,8	7,1
1-2	9,1	8,8	8,3	9,7	9,1
2-3	7,8	7,8	7,9	9,0	8,9
3-4	6,0	6,0	6,2	6,6	6,5
4-5	4,6	4,7	4,9	4,3	4,0
5-10	17,5	16,7	16,9	17,3	16,4
10-20	15,5	14,8	15,7	15,8	16,1
20-50	10,1	9,6	10,0	9,4	10,2
50-100	6,0	6,5	6,3	5,6	6,1
≥ 100 ha	14,3	16,0	15,1	10,8	11,9

QUADRO VII

Concelhos e distrito	N.º médio de cabeças / exploração	% de bovinos fêmeas de >= 2 anos no total de fêmeas	% de bovinos fêmeas leiteiras de >= 2 anos no total de fêmeas adultas	Idem, turfinas e holandesas de leite	% dos efectivos nas explorações					
					< 1 ha	1-3	5-10	10-20	>= 20 ha	
Albufeira	5,5	37,5	76,0	85,5	79,2	15,0	30,1	25,7	15,8	13,4
Alcoutim	4,1	78,0	61,5	84,8	70,6	4,5	12,7	23,9	19,9	39,0
Aljezur	6,0	67,4	65,8	6,9	5,1	2,5	24,2	18,8	18,6	35,9
Castro Marim	6,7	80,5	68,9	97,7	95,3	0,9	11,9	11,3	12,8	63,1
Faro	6,4	48,8	56,4	97,7	95,1	12,6	34,7	20,1	17,3	15,3
Lagoa	5,0	68,0	56,2	87,0	86,2	12,2	34,7	25,1	11,3	16,7
Lagos	5,4	73,4	67,4	32,3	27,6	5,3	32,5	26,2	17,9	18,1
Loulé	5,6	59,0	59,8	93,1	91,5	9,0	25,8	14,9	11,0	39,3
Monchique	4,9	53,9	60,9	34,5	12,2	14,3	38,0	13,2	12,2	22,3
Olhão	4,3	66,2	71,1	89,2	87,2	14,4	52,8	13,2	13,9	5,7
Portimão	4,0	78,3	65,8	68,5	38,2	7,2	31,6	19,0	4,7	14,5
S. Brás de Alportel	8,0	70,6	72,8	71,3	64,1	30,2	27,5	37,5	3,7	24,1
Silves	3,9	61,2	69,3	67,4	57,2	9,9	27,5	20,0	18,1	24,5
Tavira	4,0	77,1	73,1	61,2	53,2	5,1	29,0	15,2	24,2	26,5
Vila do Bispo	16,3	75,8	67,6	14,6	13,6	0,1	1,3	5,9	16,2	76,5
Vila Real de St.º António	9,3	89,2	73,5	86,4	86,5	3,6	32,2	8,8	11,3	44,1
Distrito	5,3	66,4	66,4	56,9	49,1	9,0	27,7	17,4	15,5	30,4

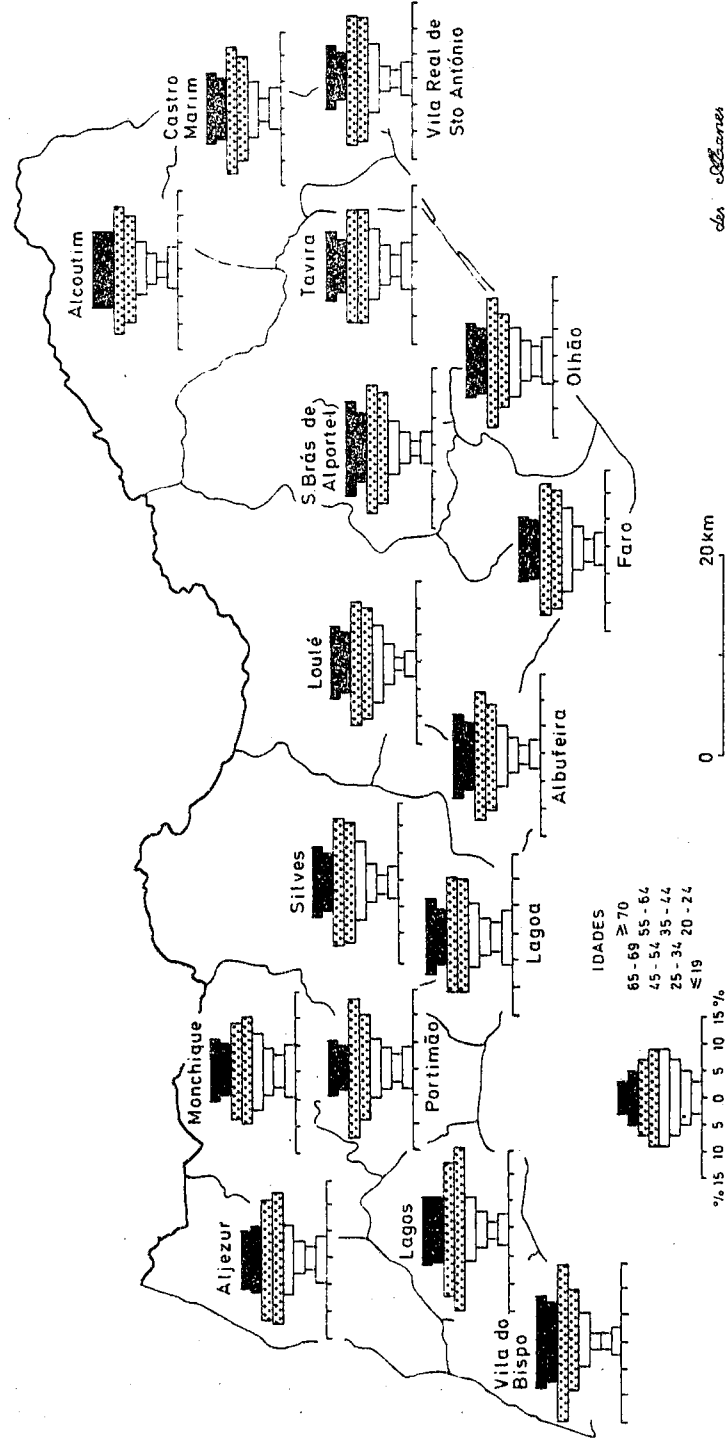


Fig. 4 — Pirâmides etárias da população agrícola familiar que trabalha na exploração.

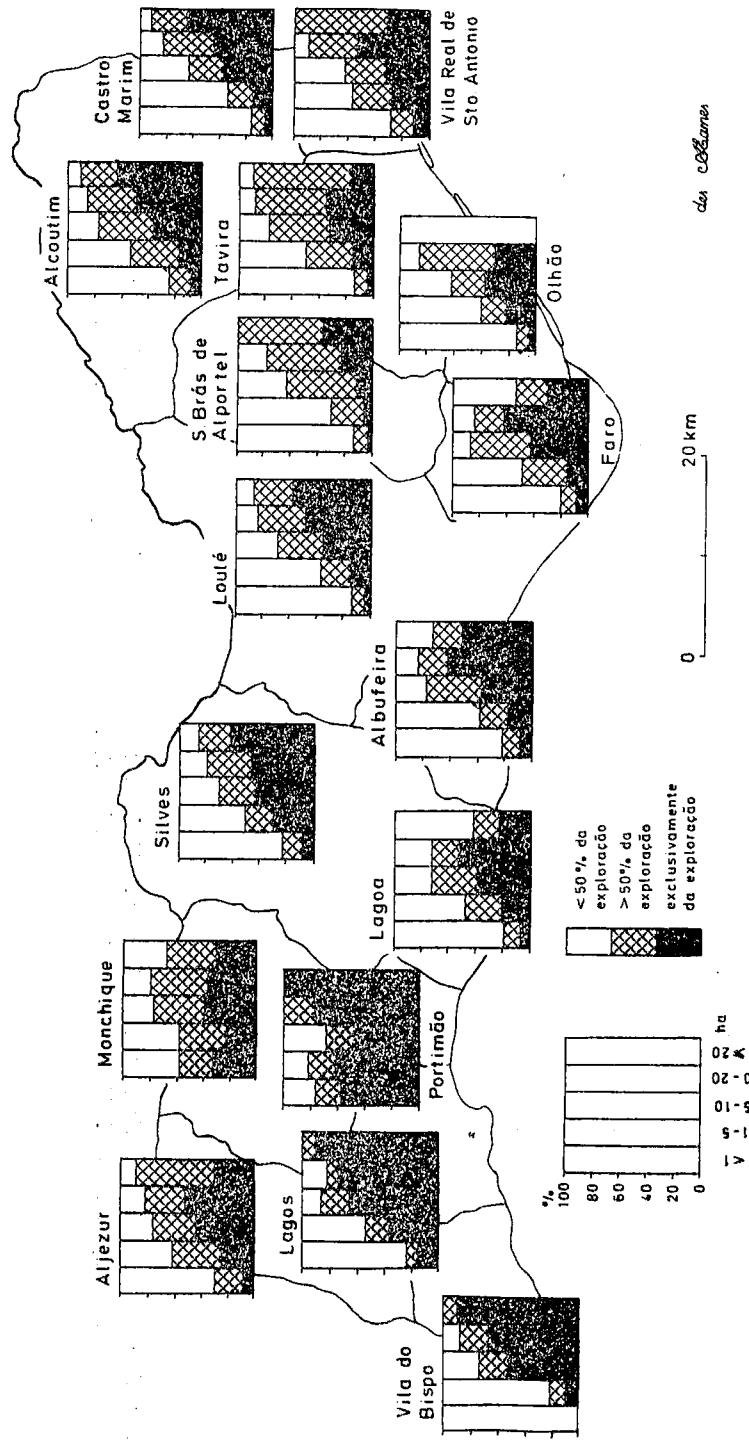


Fig. 6 — Proveniência das receitas do agregado doméstico das explorações em que a totalidade do trabalho é feita pelo agregado familiar, segundo a dimensão das explorações.

colas (publicação anual) e ao *Arrolamento Geral do Gado*, de 1972. Com todos estes cuidados, são possíveis apreciações das transformações das estruturas agrárias, das mudanças dos sistemas de uso do solo, do desenvolvimento das áreas ocupadas por alguns ramos agrícolas, das variações dos efectivos animais, das formas de exploração, dos tipos de exploração e da diversificação das actividades da população agrícola. Recorde-se que os volumes referentes ao *Recenseamento Agrícola* de 1979 não contêm o apuramento de todas as questões com correspondência no questionário de 1968.